

Administração confirma carência

Com o aniversário da Ceilândia, o administrador Ilton Mendes não pôde receber o CORREIO BRAZILIENSE. Em seu lugar, falou o assessor Rorildio de Menezes que admitiu a precariedade tanto no setor de saúde pública, como em outras áreas. "O Hospital Regional da Ceilândia tem 140 leitos, insuficiente para atender a a demanda

da da cidade. Além dele, há 10 centros de saúde, mas com a dificuldade de se deslocar profissionais para as áreas periféricas, tanto o número de unidades como o de pessoal e equipamento é baixo para o que seria o ideal", explica.

Menezes conta que a economia é baseada no comércio de materiais de construção e nas

pequenas indústrias da área, junto às de transformação (serratherias). Não há zona rural. "A arrecadação daqui é pequena, como em todo o DF. O que seria saída para os problemas de educação, saúde e moradia é a instalação de cursos diversos, por meio da Universidade de Brasília, que investiria num campus avançado aqui", acredita ele, que denomina a universidade, do jeito que está, elitista.

— Os profissionais que são formados em uma universidade pública e gratuita, são pagos com nosso dinheiro. Formam-se gratuitamente porque há os impostos que pagamos. Todos deveriam pagar esta contribuição da população com seus serviços, ou seja, um retorno à comunidade. Promover estágios e cursos aqui, por exemplo, de engenharia, arquitetura, medicina, pedagogia, psicologia, entre outros — detalha, citando o Projeto Ceilândia, que a UnB está implantando.

Para ele, a Ceilândia não é a cidade mais violenta do DF como muitos acreditam e comprovam as estatísticas. "Isto é um problema nacional, de todos. Há marginais aqui, como há no Gama, Taguatinga, Plano Piloto", cita, esquecendo-se que os crimes do Plano Piloto, em sua grande maioria, são praticados por marginais vindos das satélites, principalmente da Ceilândia. "O problema das escolas não é exclusivo delas. A marginalidade acontece em todos os setores. Quando há necessidade, chamamos ou encaminhamos os pedidos à Secretaria de Segurança".

ARQUIVO



Nas casas simples, os moradores não têm com quem contar